

Blog de Papel

HENRIQUE MORGANTINI



“Quem fica na memória de alguém não morre”.

Betinho

Maurity Escobar

A gravação do programa Arena, da extinta TV Anápolis, canal 14 Net, terminou com algumas frases lapidárias do entrevistado daquela semana e uma certeza comum aos três entrevistadores: o homem à nossa frente era um baú com informações riquíssimas e algumas certamente bombásticas e exclusivas. No entanto, ele carregava em si uma capacidade singular de saber guardar segredo. Ao longo de uma hora de duração da entrevista foi praticamente impossível desarmar os diversos cadeados e armadilhas que aquele baú apresentava.

Com um incrível talento para se esquivar de golpes precisos feitos na forma de perguntas difíceis, aquele lívido homem vívido saía-se com tranqüilidade e eloqüência. Respondia, mas não dizia nada. Poupava amigos e inimigos com a mesma destreza. Tinha a certeza de que uma informação bem guardada sob segredo tinha valor bastante superior à informação exclusiva revelada.

O baú, não desvelado à nossa frente, era o médico e político Maurity Escobar.

Findada a argüição feita por mim, Flávio Mobaroli e Marcos Vieira, Maurity deixou o estúdio e seguiu falando. Agora, não mais sobre os assuntos abordados na entrevista, sempre mais focada em momentos históricos a cidade e seus personagens, mas para comentar a atualidade. Escobar mantinha em si uma vontade muito grande de falar do presente, pelo menos era esta a impressão que ele me permitia que dele eu tivesse. Era um homem no seu tempo, em constante atualização. Não ligado à modernidade do tempo, mas extremamente atento ao presente do que ocorria, ali, à sua volta.

E só tive esta impressão muito clara porque passei todas as oportunidades que tive ao seu lado tentando retirar-lhe impressões e informações do passado, da política como ela era, dos personagens que me interessavam obter informações. E ele, evasivo, sempre conseguia encontrar um ponto comum do passado para trazer a conversa de volta ao presente.

Mas na saída daquela entrevista, ele, atônito com o registro em vídeo, começou a falar não de política, não da cidade, não da defesa de suas teses – às vezes polêmicas demais – mas de mim. Sim, de mim. Como se me conhecesse a ponto de poder emitir alguma opinião. Não, ele não me conhecia, apesar de termos uma relação de alguns anos. Mas falou. E falou muito.

Com um estilo peculiar e folclórico, a cada frase sobre a minha trajetória jornalística e “política” (como ele considerou em sua análise), o médico de mais de 1,90 metro de altura se esgueirava por sobre mim apontando (literalmente) o que eu estava fazendo de certo e de errado. E aumentava o volume da voz. Por instantes deixei de prestar atenção no que ele me dizia e como me analisava, enaltecendo e reprovando minhas ações, para tentar entender como um senhor de tanta idade conseguia manter uma voracidade e uma fúria na oratória como ele o fazia, ali, na minha frente.

Parecendo perceber o que eu sentia, ele me sacudiu (e para quem me conhece pessoalmente sabe que para me sacudir é preciso de considerável força), fazendo-me voltar à tona na bronca. A frase seguinte que ouvi foi “estou falando aqui como se fosse seu pai, então presta atenção...” e continuou. Ao final de tudo, e já bem próximo de mim, como se quisesse que as palavras entrassem no meu crânio, Escobar me disse: “você precisa ser amado e não temido”.

Contrariando a tese de “O príncipe”, de Nicola Maquiavel, Maurity temia que eu fosse odiado pelos eventuais personagens das minhas crônicas e me isolasse. E me pedia para buscar ser “amado” pelas pessoas com quem convivía. Escobar me alcunhou o “apelido” de Carlos Lacerda anapolino, fazendo referência ao jornalista e político carioca, grande inimigo de Getúlio Vargas, e esta foi a raiz de toda a sua explanação sobre mim.

Quem já levou uma bronca de Maurity sabe: eu não tive espaço para contra-argumentação. O ponto final da conversa foi um forte abraço que ele me presenteou e me deu as costas. Fim de papo. E eu que ouvisse. E partiu.

Conversei com algumas pessoas que tive-



ram um convívio maior e mais intenso com o médico que concluiu sua existência na manhã ensolarada e quente desta quarta-feira, 13 de agosto. Especialmente o jornalista Nilton Pereira se emocionou e, ao fazê-lo, também me tocou profundamente. Com mais de 30 anos de convivência, Pereira ressaltou a capacidade extrema que o médico e político Maurity tinha para lidar com política e religião, dois assuntos terrivelmente delicados e cheio de melindres.

Aliás, algo me chamou a atenção desde o início da conversa com Pereira. O jornalista, ao longo de toda a minha entrevista com ele, sempre se reportou a Escobar no presente. Argüido sobre as impressões que guardaria do amigo morto, ele saiu-se mais ou menos assim: “Ele tem uma capacidade muito grande de diálogo, de conversa política. Ele é um cara extremamente aberto. Ele tem uma grande cultura”. Sempre com o verbo no presente. Ele tem, ele é. Maurity morto é Maurity eternamente vivo na história da cidade, na vida de quem com ele passou muitos e inesquecíveis momentos.

Niltinho, como é conhecido o afamado jornalista anapolino, lembra de como o Maurity Escobar vereador revolucionou na sua gestão como presidente da Câmara. Ele foi o primeiro a fazer um inventário da casa. “Ele queria saber o que a Câmara tinha e, tanto lá quanto na secretaria de saúde, pasta que ocorreu por duas vezes, ele manteve um extremo zelo”. Pereira recorda da preocupação que via o amigo ter com a comida dos pacientes no

Hospital Municipal. “Ele ia na cozinha, provava a comida, via a limpeza. Era exigente”, testemunha.

Outra lembrança de Niltinho sobre o amigo foi quando “Mauritas” era perito médico do extinto INPS. “Ele não respeitava as cotas. Mesmo se só ganhasse para 12, 15 pacientes ao dia, enquanto tivesse gente lá fora ele atendia. E muitas vezes esse número chegava a 40”, recorda.

Converso também com o advogado e procurador da Câmara Municipal, Carlos Alberto Lima. Aos dois amigos de Maurity, faço as mesmas perguntas na busca de traçar opiniões e impressões sobre os mesmos sentimentos acerca do mesmo personagem. É uma técnica delicada, mas extremamente eficaz. No entanto, me assusta a coerência das respostas. Ambos conversaram comigo em lugares separados e em momentos diferentes, não tendo qualquer ligação. As respostas batem em alguns momentos e é isto que impressiona.

Pergunto a ambos qual foi a última vez que estiveram com o amigo Maurity. Os dois visitaram o médico na sexta-feira, no HEG. “As visitas estavam proibidas já, em decorrência do quadro dele, mas mesmo assim ele ouviu a minha voz do lado de fora do quarto e mandou me chamar”. Esta foi a resposta que deram os dois amigos quando entrevistados.

A vontade de Maurity em viver o presente, em falar da realidade e não se perder em devaneios também foi outra marca interessante. “Conversei rapidamente com ele. Eu estava

com o jornal debaixo do braço e ele me perguntou se a edição era para ele. Respondi que não, porque ele não poderia ler”, relatou Nilton Pereira. “É, mas a Beatriz (sua mulher) pode ler para mim, pode deixar o jornal aí para eu saber o que está acontecendo”, foi a resposta de Maurity para o jornalista. Sempre no presente, sempre ligado à realidade este Maurity.

Já com Carlos Alberto Lima, o papo foi outro, mas pouco diferente do perfil Maurity de ser. “Ele estava muito empolgado. Mesmo deitado no quarto de um hospital, ele me falou com entusiasmo que precisava sair logo de lá porque o Oton Nascimento (secretário estadual de Planejamento) o convidara para montar um escritório em Anápolis para tratar da Plataforma Multimodal e ele seria o coordenador. Também queria sair logo para entrar de vez na campanha política municipal. Tanto na política eleitoral quanto na política do governo, ele estava inserido e já queria trabalhar, se misturar”, revela o advogado.

Agora, enquanto escrevo este texto, as pessoas ligam para o Jornal do Estado ou mesmo para mim diretamente, querendo saber do que ele morreu. Eu não sei. Ou não sabia quando algumas delas me ligaram. Simplesmente porque não me interessei. Enquanto recebo telefonemas, faço outros tantos, mas na tentativa inversa: quero saber como ele viveu. Quero saber de gente amiga de Maurity Escobar como Edson Tavares, Iron Junqueira, Nilton Pereira, Keila Resende, entre tantos outros o que Maurity Escobar fez com a sua vida, como, quando, onde e porque. A morte é a celebração o que foi uma vida. A morte, por si só é banal e um irrelevante fato da natureza. Morrer é tão-somente fechar a cortina dos olhos. Os nossos e os olhos daqueles que se acostumaram a nos ver. O que nos imortaliza é a vida e o que dela fazemos.

A tendência de se preocupar e dar atenção à morte é uma grande injustiça. Maurity e todos os outros que fizeram e ainda fazem História não podem ter a sua vida assombrada pela chegada da morte. A morte é a conclusão da existência, fator pateticamente inerente a todos. Se todos nascerem e morrerem, então nascer e viver não é predicado de ninguém, afinal todos somos assim.

O que nos difere – e diferiu incrivelmente na existência e na passagem de Maurity pela terra anapolina – foi como ele conseguiu preencher este espaço entre a vinda e a partida. É de disto que se precisa enaltecer na cidade, entre os que com ele conviveram, muito ou pouco.

Antes de encerrar a minha conversa com ambos os entrevistados (e eu me coloco como um terceiro já que pus-me a relatar uma das minhas conversas com ele, uma grande bronca na verdade), eu pergunto a Nilton Pereira e a Carlos Alberto Lima o que eles fariam se, milagrosamente, fosse possível que antes da partida, pudessem ter com ele a derradeira conferência. O último encontro.

Carlos Alberto faz uma pausa para depois responder. “Eu vou cumprir o que ele me pediu. No hospital dele, há uma imagem de Santa Luzia em tamanho natural e ele queria que colocasse a imagem na Igreja de Santa Luzia, no bairro Frei Eustáquio. Ela está na capela, mas vou levá-la pessoalmente para a igreja”, explica. “Então eu diria: pode ficar tranqüilo, vou fazer o que eu lhe prometi”, conclui.

Nilton Pereira ainda estava um pouco atordoado com a notícia. Eu o surpreendo com a mesma pergunta, delirante e mágica. É a primeira vez que Niltinho não hesita em responder e, de bate pronto, diz que não precisa de uma frase, mas de uma só palavra: “Valeu”.

E assim todos que conheceram Maurity Escobar dele se despedem. Dão o adeus ao homem que, para a nova geração que o conheceu, da qual faço parte, acha que ele sempre foi velho na aparência. Entretanto, ninguém, de convivência recente ou antiga, tinha dúvidas das provas que ele exibiu a todo instante de disposição.

E, pensando nos meus encontros com ele, acho até que ele pode estar certo e Maquiavel, errado.

Nós precisamos ser amados. E não temidos.

Valeu!